



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA
AFRO-BRASILEIRA**

TATIANA APARECIDA LOPES GAIÃO

**CONTOS AFRO-BRASILEIROS: RESGATE
IDENTITÁRIO ENTRE A OBRA DE
LIMA BARRETO E DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA.**

**CAMPINA GRANDE
2011**

TATIANA APARECIDA LOPES GAIÃO

**CONTOS AFRO-BRASILEIROS: RESGATE
IDENTITÁRIO ENTRE A OBRA DE
LIMA BARRETO E DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA.**

Trabalho apresentado à Banca Examinadora composta pela Especialização de História e Cultura Afro-Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

G137c Gaião, Tatiana Aparecida Lopes.
Contos afro-brasileiros [manuscrito]: resgate identitário entre a obra de Lima Barreto e de Rogério Andrade Barbosa. / Tatiana Aparecida Lopes Gaião. – 2011.

45 f.

Digitado.

Monografia (Especialização em História e Cultura Afro-Brasileiras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva, Departamento de História”.

1. Literatura afro-brasileira. 2. Resgate étnico. 3. Contos.
I. Título.

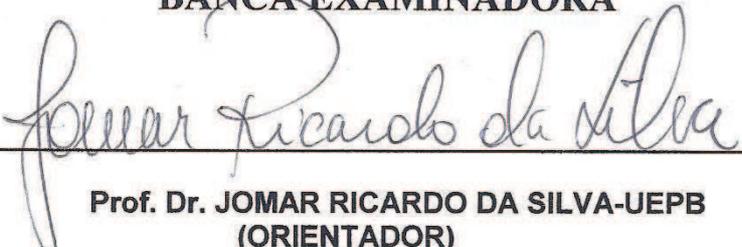
21. ed. CDD 896

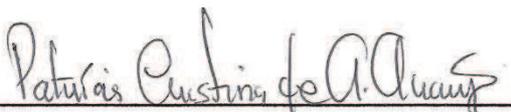
TATIANA APARECIDA LOPES GAIÃO

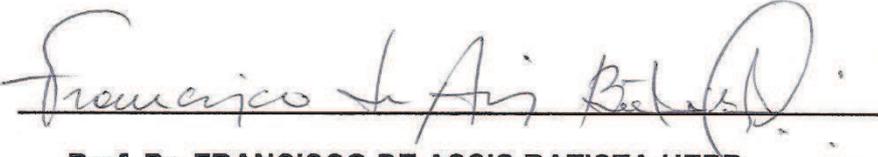
**CONTOS AFRO-BRASILEIROS: RESGATE
IDENTITÁRIO ENTRE A OBRA DE
LIMA BARRETO E DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA.**

Aprovada em: 07 / 06 / 11

BANCA EXAMINADORA

 9,0
Prof. Dr. JOMAR RICARDO DA SILVA-UEPB
(ORIENTADOR)

 9,0
Prof (a). Dr^a. PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO ARAÚJO-UEPB
(EXAMINADORA)

 9,0
Prof. Dr. FRANCISCO DE ASSIS BATISTA-UEPB
(EXAMINADOR)

AGRADECIMENTOS

Para alguns, mais um Título Acadêmico, mas ao meu vê vai além de uma simples titulação, é na verdade uma mescla de conhecimento e experiência que levari comigo por toda vida a cada história a cada momento a cada aula ministrada por docente maravilhosos que com seu entusiasmo me encantaram durante o Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira da UEPB. Em primeiro lugar agradeço a Deus pela inspiração das palavras.

Aos meus Pais que sempre estimularam os meus estudos, e que até de madrugada preocupados com as minhas exaustivas horas de estudo e debruçado no computador, mas imprescindíveis para o meu amadurecimento acadêmico estiveram do meu lado.

Um agradecimento que não pode se medido em palavras, aquele meu orientador- amigo que não desistiu do meu trabalho, o professor Dr. Jomar Ricardo da Silva. Agradeço especial ao Prof.. Dr. Francisco De Assis Batista e a Prof (a). Dr^a. Patricia Cristina De Aragão Araújo que aceitaram gentilmente fazer parte da minha banca.

Agradeço aos meus colegas e amigo de curso e em especial a Edvane, Ana Nery e Danielle, grandes amigas que sempre torceram pelo meu êxito.

Resumo

Este trabalho tem a finalidade de compreender as representações e identidades construídas através da realidade dos personagens e sujeitos afro-brasileiros analisados na literatura contista de dois autores Lima Barreto e Rogério Andrade Barbosa, contos que abordam a temática da valorização, do resgate étnico e identitário da cultura negra, tendo como eixo norteador o conceito de Identidade negra de Kabengele Munanga fazendo uma análise comparativa entre os dois autores tomando como ponto de partida a problematização dos contos enfatizado a mulher negra sua representação e seu contexto na obra literária destes autores. Diante do exposto utilizaremos a literatura como fonte de análise e a história em sua dimensão literária.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira, Representação e Contos.

ABSTRACT

This work aims to understand the representations and identities constructed through the reality of the characters and subject african-Brazilian literature analyzed the two authors of short story writer and Lima Barreto Rogério Andrade Barbosa, stories that address the theme of recovery, redemption and ethnic identity of black culture, and are guided by the concept of black identity Kabengele Munanga doing a comparative analysis between the two authors take as their starting point the questioning of the stories emphasized the black women and their representation in the literary context of these authors. Given the above we use the literature as a source of analysis and literary history in its size.

Keywords: Afro-Brazilian Literature, Representation and Tales.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO 1. A arte literária: reflexões sobre Literatura afro-brasileira	11
1.1 Uma breve análise sobre literatura oral africana e memória.....	18
CAPITULO 2. Lima Barreto e Rogério Andrade Barbosa: uma breve análise	25
CAPITULO 3 O conto em dois tempos: Lima Barreto e Rogério Andrade Barbosa	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44

Introdução I

Se você pretende compreender a sua própria época, leia as obras de ficção produzidas nela. As pessoas quando estão vestidas em fantasias falam sem travas na língua. (SEVCENKO, 2004, p. 514.)

A escolha de trabalhar com a literatura Afro-Brasileira vêm da necessidade e da importância de discutir as questões étnico- raciais, para promover rupturas de certos valores enraizados na sociedade brasileira, valores ainda europeus. Então, que a partir da Reivindicação do Movimento Negro e de leis como a 9.394/96 e 10.639/03 estes momentos de ruptura tem sido constantes a cada nova conquista e esse trabalho vem a contribuir para enriquecer a discussão referente às questões étnicas.

Diante do exposto constatei a importância de contribuir com meus estudos sobre literatura afro-brasileira, os trabalhos ainda são tímidos como verifiquei ao longo do meu estudo poucas foram às dissertações e outras fontes que encontrei para embasar minhas reflexões, mas consegui aos poucos selecionar determinados textos para minhas análises.

Trabalhar a literatura afro-brasileira já é um desafio e analisar contos se torna um desafio ainda maior. Analisei contos de Lima Barreto que apesar de terem sido escritos no início século XX, traduzem a realidade dos afro-brasileiros na contemporaneidade suas obras uma literatura amplamente refutada pela crítica literária da época, já que as suas obras literárias não se adequavam aos cânones literários que eram pautados em uma literatura tradicional e a obra deste autor sempre com tom de denuncia uma voz dissonante em sua época que ecoa até hoje. E o outro autor que propus a analisar, foi Rogério Andrade Barbosa que trabalha na área de Literatura Afro-Brasileira em 20 anos de carreira publicou mais de 70 livros cuja temática em sua maioria esta baseada em contos africanos, um autor contemporâneo que apesar da distância temporal com Lima Barreto traduz em sua vasta obra o resgate étnico e a valorização da cultura afro-brasileira, Lima Barreto utiliza os contos para denunciar a discriminação e o preconceito racial e Rogério Andrade Barbosa busca através dos contos uma valorização da cultura afro (re)memorando suas lendas, seus mitos trazendo a herança cultural através da literatura oralidade africana. O eixo norteado desta pesquisa a temática abordada é a valorização e o resgate étnico através da literatura contista, tendo como personagens as mulheres dos contos destes dois autores um buscando a valorização e o resgate étnico a partir da ruptura de estereótipos femininos negativos e o outro apresentado a

cultura africana com contos que apresentam o papel da mulher na cultura negra trazendo a tona sua herança cultural.

Busquei entre as obras contistas destes dois autores, aquelas que contemplavam o objetivo da pesquisa entre as obras de Lima Barreto escolhi três contos:

“Um especialista” - é um conto narrado em terceira pessoa o conto é centralizado na história de promiscuidade do Comendador que adorava mulatas e as tinha como amante, já que era casado e pai de duas filhas. No princípio de suas aventuras amorosas no Brasil juntamente com seu amigo Coronel Carvalho era português e o Comendador caixeiro viajante ele abandonou uma jovem com uma filha nos braços e fugiu com a herança que a jovem tinha recebido pela morte do pai. Depois de alguns anos conheceu outra mulata que sofreu nas mãos de homens foi explorada financeiramente como também sexualmente e ao final do conto descobre que esta é sua filha.

“Clara dos Anjos”- o conto transforma-se em romance posteriormente, mas nos fixaremos no conto que é a história de uma pobre mulata filha de um carteiro do subúrbio carioca, que apesar dos cuidados da família, ela é seduzida e abandonada por Cassi Jones um rapaz de uma classe social mais abastada e que tem um longo currículo de sedução e abandono de jovens afro-brasileiras um conto que denuncia o preconceito e a discriminação racial sofrida pela personagem Clara.

“Uma conversa vulgar”- o conto de Lima Barreto retrata a história de uma mulata que cuidava dos trabalhos domésticos, do comércio e da vida sexual do seu companheiro José da Silva até o momento que ele se torna Visconde abandona a mulher e o seu filho, para formar uma família com uma mulher “branca” ele ostentava luxo e poder enquanto a sua primeira mulher e o seu filho passavam necessidades.

Já na obra de Rogério Andrade Barbosa, escritor e contador de história e ex-voluntário das Nações Unidas na Guiné-Bissau. Graduou-se em Letras na Universidade Federal Fluminense e fez Pós-Graduação em Literatura Infantil Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua na área de literatura Afro-Brasileira e programas de incentivo à leitura, proferindo palestras e dinamizando oficinas. Publicou em 20 anos de carreira, mais de 70 livros infantis e juvenis, alguns traduzidos para o inglês, espanhol e alemão. Participou como autor, palestrante e contador de histórias em eventos literários e Feiras do Livro na Alemanha, Cuba, Itália, México, Peru, Angola, Moçambique e República.

Da sua obra analisarei os contos: “Buanga a noiva da chuva” pertencente a sua obra intitulada contos ao redor da fogueira (1990), “Duula, a mulher canibal- um conto africano” (2000) contos que traduzem a herança cultural africana, contos riquíssimos em

diversos aspectos da cultura, que também contemplam o objetivo da minha pesquisa aspectos relacionados à mulher negra.

“Kumbu, o menino da floresta sagrada” narra a história do nascimento de gêmeos que segundo a tradição africana é vista como um mal presságio tanto que o segundo ao nascer é abandonado na floresta e passa a ser criado por Koya uma mulher que foi desprezada pelos homens de sua aldeia por não pode ter filhos.

“Buanga, a noiva da chuva” – é um conto pertencente a obra de Rogério Andrade Barbosa. Até poucos anos, o último caso foi registrado na África Oriental em 1923: jovens virgens eram selecionadas para servirem de sacerdotisas aos deuses da chuva. O homem que ousasse tocá-las ou vê-las era punido com a morte, sendo queimado vivo em uma fogueira. Na história, um amigo de infância da menina rompe com todas as regras tradicionais e desafia a ira do poderoso fazedor de chuvas.

O conto “Duula, a mulher canibal -um conto africano” Duula foi uma mulher jovem bonita, mas a fome e a miséria de seu povo, numa das secas mais terríveis que assolou a região onde a jovem e seus pais viviam, foram às responsáveis por sua transformação em um monstro terrível. Assim surge a lendária mulher canibal, temida por todos que passam por aquela região árida e selvagem.

Diante do exposto o eixo teórico que norteia este trabalho esta pautado no conceito de Sandra Pesavento, envolvendo o estudo da história e da literatura, procura demonstrar neste texto que apesar da História e da Literatura ofereceram papéis diversos na construção das representações sociais das sociedades e dos sujeitos que fazem parte dela

No capítulo 1- analisaremos a relação entre a história e a literatura e como a partir da história cultural com a utilização de novas fontes entre elas a literatura, adentramos na literatura afro-brasileira com os contos afro-brasileiros.

No capítulo 2 - uma breve contextualização sobre a vida e obra de dois autores contistas Lima Barreto e Rogério Andrade Barbosa respectivamente discutindo os temas relacionados a exclusão e a discriminação racial a partir dos contos de Lima Barreto , em especial a condição da mulher afro-brasileira. O segundo autor Rogério Andrade Barbosa um autor contemporâneo representa através dos seus contos a herança cultural dos africanos, valorizando sua cultura.

E no capítulo 3- uma contextualização do conto dos autores que abordam a temática do nosso objeto de estudo.

Capítulo 1- A arte literária: reflexões sobre Literatura afro-brasileira.

Salientamos a importância de contribuímos para a produção literária da cultura afro-brasileira através deste trabalho enriquecendo ainda, mas a vasta literatura afro-brasileira infelizmente ainda pouco analisada no meio acadêmico. A lei 10.639/03 sancionada em 9 de janeiro de 2003 tornou obrigatório, o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Diante do exposto percebemos a preocupação do Estado brasileiro de assumir uma postura de reparação e de ações afirmativas com relação a cultura negra. Um desafio atribuído ao Estado e a sociedade brasileira, será da visibilidade a temas relacionados com a pluralidade cultural e o multiculturalismo como também cidadania.

É imprescindível uma política de valorização, conhecimento da diversidade cultural, no que se refere a temas étnico-raciais, é importante que a sociedade juntamente com as instituições de ensino visualize estas novas referências de multiculturalismo.

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (BRASIL, 1998. p.121).

A lei 10639/03 foi bem recebida pelo Movimento Negro, pois a preocupação com a educação é um tema constante, pois o movimento tem consciência que uma das estratégias de ascensão social só será possível se as instituições de ensino abandonarem a visão eurocêntrica que reproduzia a discriminação e o preconceito contra os negros os seus descendentes fosse substituída por uma visão que respeita-se e compreende-se a diversidade cultural da nossa sociedade. O Movimento Negro desde a década de 1950 vem reivindicando a incorporação da História do continente africano e a participação do negro na sociedade brasileira fosse incluída no sistema educacional brasileiro (SANTOS, 2005). A nova lei adicionou alguns aspectos que a lei 9.394/96 ainda não contemplava como reivindicava o Movimento Negro como a inclusão da obrigatoriedade do ensino de História da África e História do negro no Brasil nos currículos escolares de todos os níveis. Mas esta lei possibilitou uma abertura na legislação educacional, enfocando a importância de estudar

a partir de diretrizes pluriétnicas. Podemos observar os aspectos que a lei 10.639/03 complementou:

Art.26-A - Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

Parágrafo Primeiro – O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

Parágrafo segundo – Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial, nas áreas Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Art. 79-B – O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como —Dia Nacional Da Consciência Negra (BRASIL, 2003).

Com a aprovação da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares, o Estado abandona definitivamente o discurso que defendia a existência de uma cultura brasileira mestiça e assume a proposta de desenvolver políticas educacionais de reparação e de ação afirmativa em relação às populações negras¹.

O movimento social afro-brasileiro busca em seus discursos ações de políticas públicas inclusivas e a lei 10.639/03 contribuir para a ação destas políticas com a incorporação de temáticas em sala de aula, que possibilitem o (re)conhecimento do afro-descendente na história, como personagem não apenas escravizado, mas personagem transformador de sua própria história combater todas e quaisquer formas de discriminação que impeçam o acesso a maior igualdade de oportunidades e de condições. Desse modo, as políticas públicas excludentes corrigem as fragilidades de uma universalidade focalizada em todo e cada indivíduo e que, em uma sociedade de classes, apresenta graus consideráveis de desigualdade.

Salientamos também para complementar e enriquecer nossa discussão em torno da lei 10.639/03 que possibilitou posteriormente uma abertura para um comprometimento das

¹ A lei 10.639/03 abordada por PEREIRA (2007) e SANTOS (2005) foi antecedida por leis municipais que de uma certa forma reconheciam o papel do Estado a luta contra a discriminação e a importância dada a educação neste processo.

instituições de ensino com a história e cultura afro-brasileira bem como uma possibilidade de trabalhar em sala de aula e no meio acadêmico. Com a implementação da lei é recente se levamos em consideração a discussão sobre a literatura afro-brasileira no âmbito acadêmico a discussão foi aberta por Roger Bastide com sua obra “Estudos Afro-Brasileiros”² na década de 1940.

Entretanto antes de analisamos a literatura afro-brasileira e os contos como documento histórico devemos fazer uma breve análise, imprescindível para a compreensão sobre história e literatura e como esta última passou a condição de documento histórico.

A história cultural possibilitando o estudo de novas abordagens, outros olhares no campo historiográfico, propiciando um diálogo com as diversas áreas de conhecimento entre elas a literatura. “as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”(Pesavento, 2004, pág.39).

A obra literária de Lima Barreto ou de Rogério Andrade Barbosa se configuram como relatos de uma sociedade e de seus atores sociais uma realidade apresentada através da representação deste personagem uma representação de uma realidade que passa por processos de percepção, identificação, classificação, legitimação e exclusão.

O historiador Sevckenko (2003) nos apresentou um panorama possível de diálogo entre História e Literatura na sua obra “Literatura como missão”, permitiu ao historiador uma ampla compreensão dos fatos históricos, com também da própria mentalidade da época, nesta obra o autor busca compreender a transformação do Império para a República a partir da literatura para esta análise Sevckenko se utiliza de dois autores, Euclides da Cunha e Lima Barreto ambos se empregam da literatura para vivenciar os conflitos e as mudanças de uma época, já que os textos literários tornam-se termômetros destas transformações de mentalidade e sensibilidade.

Segundo Sandra Pesavento (2003) desde a década de 1980, os textos literários estão sendo utilizados gradativamente como fonte de pesquisa no meio acadêmico tanto no Brasil como no exterior, um campo de pesquisa que vêm sendo ampliado pela ascensão da história cultura. Propormos apresentar uma discussão que tem como viés a aproximação

² Roger Bastide sociólogo e Antropólogo na década de 1940 foi o primeiro de que temos conhecimento que discutiu a literatura afro-brasileira m sua obra procura pontuar os avanços sobre os estudos das religiões afro-brasileiras.

entre história e literatura, às vezes de difícil delimitação já que ambas transcendem um desejo de interpretação que proporciona uma representação dos acontecimentos de uma época, desta forma podemos considerar a obra literária como possível instrumento historiográfico e conseqüentemente um acontecimento. As representações são também portadoras de símbolos, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. E como na obra literária o leitor mais atento pode em poucas linhas perceber a mensagem que a obra literária traz transmite a sociedade passando a ser não o reflexo, mas a representação de uma realidade expressada pelo autor o contexto social de uma época narrada na simbologia da sua obra.

Segundo Bourdieu(1989) ao definir o real como um campo de forças para definir o que é o real. As representações múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos sociais. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em ma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a penetração, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papeis sociais.

Afonso Henrique de Lima Barreto mestiço, um ficcionista brasileiro que de acordo com a crítica literária da época tinha uma realização ficcional que apresentava certos ‘desvios’ em sua composição. Uma escrita simples que os críticos associavam ao seu desleixo com a gramática e seus personagens inspirados em pessoas do cotidiano, em especial os personagens pobres e oprimidos da sociedade e em muitos casos da própria experiência do autor, que sofria na própria pele a discriminação racial que presenciava, por essa constante em suas obras a crítica considerava sua obra simples e sem inspiração.

Uma breve análise e contextualização sobre as expressões ‘Literatura negra’ e ‘Literatura afro- brasileira’ utilizadas para nomear alguns tipos de produções literárias que podem estar inseridas tanto na cor da pele daquele que produzem a obra como também pelo interesse em determinadas questões relacionadas com segmentos sociais de preponderância negra ou mestiça como também o fato desta serem trabalhadas enfatizando a presença de tradições africanas difundidas na cultura brasileira. A literatura adquire uma função privilegiada, de proporcionar ao leitor a possibilidade de representar ou vivenciar uma realidade independente tempo em que a obra foi escrita, pois quando lemos uma obra

literária quase podemos sentir as sensibilidades inseridas na obra pelo autor. A obra literária, mas do que denunciar uma ação de discriminação sofrida pelos afro-brasileiros traz as tonas às vozes muitas silenciadas como também suas expressões culturais.

Salientamos a importância e o respeito à ancestralidade dos “griots³”, contadores de histórias que conservam vestígios de uma memória individual ou coletiva, eles são de extrema importância para a cultura africana, tanto que “é costume dizer-se que quando na África morre um ancião é uma biblioteca que desaparece”. Eles têm o dom da palavra do ato de narrar, não precisam de livros ou de caneta apenas a oralidade e o seu livro de páginas abertas, memórias que são lembradas, vestígios do passado de seus familiares e conterrâneos, no sentido de ser manter viva a essência da Identidade do seu ser e das suas raízes.

No que diz respeito à arte literária o debate se concentra entre autores que produzem uma literatura que se adapta aos padrões determinados pela época em que os autores estão inseridos e outros que compõem uma escrita que foge ao modelo canônico

A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados. Ela exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo. Quando, por exemplo, encaramos a odisséia, o aspecto central que fere sensivelmente e inteligentemente é esta representação de humanidade que ela contém, este contingente de experiência e beleza, que por meio dela se fixou no patrimônio da civilização, desprendendo-se da função social que terá exercido no mundo helênico. A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar (CANDIDO, 2008, p. 55).

Os contos de Lima Barreto podem ser considerados exemplos de relações e interações, pois há uma forma peculiar nos contos barretianos uma mescla entre modos tradicionais de narrar, e as especificidades do que se denomina conto moderno, o autor em si consegue ultrapassar a fina barreira da intemporalidade, pois seus contos que foram escritos no contexto social de uma determinada época, podem ser analisados na contemporaneidade, ao apresentarem elementos presentes em nossa sociedade que nos ajudam a interpretá-la e entendê-la na sua complexidade, discriminação e racismo são apenas alguns dos elementos primordiais em nossa pesquisa, outro conceito que será analisar ao discorrer desta pesquisa referente a Lima Barreto, se detém ao fato de que sua obra não pode ser considerada linear.

³ “Griots” são contadores de história da África, são geralmente os mais velhos, ou melhor, os anciãos que conservam vestígios de uma memória individual ou coletiva

A arte em si traduzida em Literatura nas palavras de Lima Barreto seria neste caso, o instrumento para o autor “incorporar a sua vida na do Mundo”. A Literatura então para o autor seria a maneira pela qual a experiência do autor se transformaria em material, que sob a forma de sentimentos colaboraria para a alegria da humanidade. Segundo Lima Barreto, a arte tem uma função social que reforça a idéia de solidariedade humana.

A literatura é capaz de ultrapassar épocas adquirindo uma função de intemporalidade, pois além de representar uma realidade de uma época a literatura é capaz de transmitir certos temas ao longo de geração ou de civilizações como a de alguns mitos, análogos em vários povos, neste momento percebemos o encantamento e as emoções que os contos e as lendas e as músicas causam na contemporaneidade mesmo, não estando atrelados ao contexto de uma época.

Neste sentido, que pretendemos analisar como a literatura de uma determinada época é capaz de transpor seu próprio tempo e torna-se intemporal no sentido que aspectos pertencentes à obra oferecem subsídios para serem problematizados em qualquer época nos oferece a oportunidade única para desenvolvermos a nossa problemática acerca das representações e memórias da literatura oral africana, e como os elementos presentes nos contos dos dois autores supracitados nos possibilitam a análise de um resgate étnico e identitário na contemporaneidade.

A literatura, mas do que denunciar uma ação de discriminação sofrida pelos afro-brasileiros traz a tona às vozes muitas silenciadas como também suas expressões culturais.

Diante do exposto partimos da premissa de estudar literatura negra como fonte de análise, adentramos para tal pesquisa na obra de dois autores que apesar de afastados pelo tempo conseguiram em suas obras uma intemporalidade podemos apesar de pertencerem a épocas distintas, sua obra transpassa o tempo e nos apresenta um panorama possível para a sua análise.

A obra literária não está destinada a uma simples análise da época em que foi concebida ela vai muito além do seu tempo, não tem um fim pré-determinado pelo autor a obra adquire uma intemporalidade. O leitor também apresenta uma função na obra, pois a partir de suas interpretações e representações o leitor poderá conceber o próprio fim a obra. Segundo De Deca(1988) a relação entre o leitor e a obra é perceptível, novas sensações são apresentadas ao leitor que por intermédio da leitura aflora seus desejos e expectativas mais íntimas.

Em que o leitor existe para além do texto, mas ao mesmo tempo traduz o próprio texto em sua existência cotidiana e em suas ações. Isto é, o leitor transfere o fato estético para o universo da historicidade, uma vez que ele como sujeito da ação,

pode imprimir forças às imagens literárias, traduzindo-as no sentido de sua própria vida (DE DECA, 1988, p70).

A arte literária em suas mais diversas formas que sejam romances, crônicas ou contos aborda o estudo do imaginário, e suas representações se estabelecem por meio de imagens do simbólico. A obra em si traz vestígios de uma época riquíssimos para o estudo do pesquisador, mas ela transcende indo em direção ao campo das representações. O testemunho histórico de uma época vai além dos documentos considerados oficiais, uma obra literária traz consigo significações de um contexto social a qual está inserida, significações que serão compreendidas se forem devidamente analisadas suas relações com o contexto histórico. A obra transforma-se de acordo com o tempo que está sendo contextualizada, seus valores e representações. A cada leitura e época a obra literária vai adquirindo novos significados uma mescla da cultura de um tempo em que a obra foi escrita, com as culturas de tempos posteriores. Diante do exposto percebemos que o mundo do imaginário não tem obstáculos, neste caso tanto para o autor da arte literária como para o leitor novas sensações podem ser introduzidas por intermédio da leitura, independente do tempo de criação da obra estimulando o leitor a uma transformação da sua essência dos seus pensando mais íntimos. Segundo Stella Besciani(2002) ao analisar Germaine de Staël que afirma que a obra literária vai além de um simples instrumento de ficção e que a obra em si é capaz de formar cidadãos no contexto da Republica Democrática Francesa:

Sua adequação ao regime político de liberdade residiria na forma da trama novelesca, onde tudo é ao mesmo tempo “inventado e imitado”, “onde nada é verdadeiro, onde tudo é verossímil”, onde a “pintura de nossos sentimentos habituais” parece dirigir-se diretamente ao leitor, falar dele, de sua vida e de desejos íntimos ” (BESCIANI, 2002, p, 42).

Diante do exposto abre-se a prerrogativa de pensar a ficção literária, não apenas como reprodução da realidade, mas como algo que transpõem a uma simples visão. A obra literária em si apresenta-se intimamente relacionada com os sentimentos e com o imaginário do autor, leitor e do próprio contexto social.

Compreende a representação como um instrumento de reconhecimento de um objeto ausente e de exibição de uma presença, nos quais permanece uma constante relação entre imagem presente e objeto ausente. A luta pela sobrevivência cotidiana confere lugar aos sujeitos e permite a divisão da sociedade em grupos, cujas práticas existem nas representações transpostas para a

vivência dos sujeitos, por meio das falas, das práticas político-sociais e dos discursos elaborados pelos diferentes grupos sociais. As representações não são menos reais que as ações concretas, mas são a própria realidade, pois a ação não existe antes de ser pensada, imaginada na realidade dos sujeitos que a concebem e a amecham.”(CHARTIER,1991,p, 16)

A arte literária pertence ao mundo das representações ao imaginário daquele que produz e daqueles que lêem a obra, pois traz á tona sentimentos, emoções e subjetividades. A obra literária que é produzida pelo autor é ressignificada por cada leitor desta forma a obra independente da época que foi escrita. O público ele faz com que a obra adquira um sentido e realidade como se os personagens fossem transpor as páginas dos livros enquanto o leitor se debruça sobre ele, a um complemento entre o autor, a obra e os leitores, fazendo com que a obra ultrapasse a época que foi produzida.

1.1 Uma breve análise sobre literatura oral africana e memória.

O discurso sobre Literatura Afro-Brasileira se inicia no meio acadêmico com Roger Bastide, segundo ele “Para fazer trabalho etnográfico, não basta descrever os ritos ou citar o nome das divindades; é preciso também compreender o significado dos mitos e dos ritos” Arthur Ramos em 1932 começou a publicar uma série de artigos e de livros sobre as sobrevivências africanas no Brasil.

Segundo Laura Padilha, em *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, “a milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais, procura manter a lei do grupo, fazendo-se, por isso, um exercício de sabedoria”

Com os mitos ou histórias míticas, a cosmovisão das culturas africanas insere informações que propiciam reflexões e lembranças das memórias e do complexo simbólico que envolve a idéia de origem do mundo, do autoconhecimento, da organização social e de relações interpessoais.
(PADILHA; 1995, p. 15).

A tradição oral era de extrema importância para alguns povos da África, aprendia-se em muitos casos observando a natureza e os mais velhos com vasta experiência de vida passavam os seus conhecimentos através de histórias que muitas vezes eram narradas ao redor de fogueiras.

Nas culturas tradicionais africanas, a própria vida vivente era considerada também um processo contínuo de educação. Em algumas delas, até 42 anos o homem permanecia na escola da vida e não tinha direito á palavra em

assembléias, a não se excepcionalmente. Seu dever era ficar ouvindo, aprofundando os ensinamentos recebidos, até se tornou um misto, para devolver à comunidade a educação recebida, sem se afastar dos mais velhos com quem continuaria aprendendo. (MACHADO, 2006. p.79).

No universo africano a palavra tem um valor imensurável, ela ganha força, e sentido serve como um fio condutor da herança africana, compreendida ainda hoje pela oralidade. A memória de antigas civilizações africanas tem seus alicerces na transmissão de conhecimento, experiências individuais e coletivas de um povo, o ato de lembrar-se de lembrar faz parte da cultura africana, os acontecimentos passam a ser renovados em suas inúmeras representações em tempos e lugares distintos de forma que assumem uma intemporalidade, não se caracteriza apenas por uma repetição vai além transcende. A memória não dissocia o presente do passado já que o primeiro pode ser considerado como essência do segundo que vai atualizando traços da cultura africana

Literatura oral é o conjunto de manifestações literárias de uma sociedade ou civilização preservadas por meio da palavra falada e ou cantada. A literatura produzida na vasta área subsaariana do continente africano distingue-se da literatura escrita em línguas européias da tradição oral feita em línguas (LOPES, 2004, p 392).

Por meio da memória a humanidade é capaz de reter e preservar o tempo, lembranças e acontecimentos presenciados ao longo do tempo pela sociedade, e pelo homem. Desta forma evitando a perda já que as lembranças ficam armazenadas na memória individual ou coletiva. A humanidade do presente pode resgatar experiências do passado, na contemporaneidade um intercambio entre o passado e o presente.

A narrativa permitiria uma resignificação do comportamento humano, proporcionando uma forma de vivenciar a época. White se dispõem a indagar sobre o caráter “científico” da história passando a defender a aproximação da história e da literatura

O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto dos acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se, essencialmente, de uma operação literária criadora da ficção (WHITE, 1994, p, 102).

A literatura ao longo da história com seu ato de narrar tem sido uma das formas mais relevantes de que dispõem a humanidade, não apenas para o simples conhecimento de mundo como também expressão de (re)nomear o próprio conhecimento. Neste contexto podemos afirmar que a Literatura na verdade configura-se em um processo de significação do mundo, sendo estabelecida a partir da observação da sociedade, pela ótica e o imaginário do autor.

Na tentativa de tentar preservar esta oralidade e conseqüentemente parte da literatura oral africana, destacamos o empenho do mestre Didi, que é descendente de uma linhagem de sacerdotes, Ketu-Negô, que na sua infância teria sido iniciado no culto dos ancestrais os Egungun que através de livros, ensaios e filmes tentou manter viva a herança cultural africana, desde cedo se destacou em seu meio tornando - se um líder notável. Na difusão de sua herança ele reproduziu contos da literatura oral africana além de ser um grande escritor.

Mestre Didi transmite, por escrito, em seus livros de contos e dramatizações peças teatrais e autos coreográficos ensinamentos que circulavam oralmente na sua comunidade e que aprendeu desde sua infância. É o espírito de continuidade que fala por seu intermédio. Ele transforma sua vivência em uma singular literatura escrita, recriando formas e conteúdos narrativos, o acervo oral da tradição Nagô, preservando suas ricas e complexas elaborações simbólicas. Muitos de seus contos foram traduzidos e publicados em revistas e antologias nacionais e estrangeiras(SANTOS,2003,p,86)

Nesta perspectiva a literatura negra vai se solidificado nos espaços acadêmicos, com movimentos como o de consciência negra no Brasil, juntamente como o movimento negro Unificado, do Rio de Janeiro. A sociedade de Intercâmbio Brasil- África (SINBA), em 1972. Uma literatura engajada em defender os direitos dos afro-brasileiros, uma literatura que é portadora em sua estrutura, de traços não apenas de resistência, mas também traços de uma herança africana. Um luta contra o preconceito, mas sem cair na simplicidade de apenas, ma um movimento de resistência revolucionaria como os manifestos comunistas, algo em sua essência que ultrapassar isso, pois traz em sua literatura a traços cultural de um povo, com suas inovações estéticas.

O engajamento de um poeta negro (como o de qualquer poesia), contudo, não precisa ser explícito. O poeta consciente da negritude não precisa estar restrito aos temas de denúncia, ou do “lamento da senzala”. Ele é alguém que ama, sofre, reage, como qualquer cidadão de seu tempo. O poeta e o cidadão são entidades diferentes, no plano estético, mas essas duas entidades estão interrelacionadas. (LIMA, 2004,p, 4)

O termo literatura negra em seu contexto a arte não teria fronteiras, ela seria universal, entretanto não esquecermos que na essência desta universalidade, se encontra uma singularidade, neste caso considerando que na literatura negra, traz em si a identidade étnica e cultural apresentando traços da herança cultural africana o que favorece a etnicidade negra. Segundo Luiza Lobo (1989) ao tentar em seus estudos conceituar a literatura negra, apresenta a questão étnica como definição desta literatura, pois a partir do momento que o negro deixa de ser apenas personagem de outras narrativas e passa a ser o sujeito neste caso deixa de ser apenas uma simples narrativa do que seria a sua história e passa a ser o narrador desta história. Para ela inversão dos papéis define o aparecimento da literatura negra.

Um dos aspectos primordiais que ao meu ver define a literatura negra, muito embora não seja um elemento norteador, em geral, dos estudos sobre o assunto, é o fato de a literatura negra do Brasil – ou afro-brasileira – ter surgido quando o negro passa de objeto a sujeito dessa literatura e cria a sua própria história; quando o negro visto geralmente de forma estereotipada, deixa de ser tema para autores brancos para criarem sua própria escritura no sentido de Derrida: a sua própria visão de mundo. Só pode ser considerada literatura negra, portanto, a escritura de africanos e seus descendentes que assumem ideologicamente a identidade de negros(LOBO, 1989,p 116).

Quando nos referimos ao sujeito que faz parte da literatura negra. Não estamos mencionando aquele sujeito construído pelos ideais de uma burguesia com uma visão romântica da sociedade que a cerca, mas de um sujeito que faz parte de uma herança cultural trazido da África e que no Brasil tenta manter suas manifestações culturais. E não falamos apenas de um sujeito mais de vários que fazem parte da cultura africana.

Para Kabengele Munanga, a identidade passa pela cor da pele, pela cultura, ou pela produção cultural do negro; passa pela contribuição histórica do negro na sociedade brasileira, na construção da economia do país com seu sangue; passa pela recuperação de sua história africana, de sua visão de mundo, de sua religião. O autor aborda inúmeros aspectos da cultura negra.

Identidade étnica pode ser descrita com um processo de pertencimento étnico na constituição de sujeitos e de grupos, um pertencimento representado por práticas sociais que sobrepõem os símbolos de uma sociedade, suas regras, e sua própria organização social.

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc.”

(MUNANGA, 1994:177-178)

Segundo Meyer (1998) realça que o importante é entender a forma pela qual estes fenômenos manifestos são produzidos por intermédio de sistemas de significação, estruturas de poder e instituições.

As identidades são compostas de afinidades em si, ao mesmo tempo se identificam e se diferenciam com o outro e são estabelecidas nas relações sociais sendo desta maneira constantemente re(significadas) a partir de repertórios culturais e históricos de matrizes africanas. Diante do exposto podemos perceber que as identidades tem um caráter histórico e cultural que sem sua essência trazem consigo conceito de afrodescendência em relação aos outros grupos sociais.

Dizer identidade é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela intersecção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências naturais, psicossociais e de relações com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento do “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente. (SODRÉ, 1999, p.34)

Segundo Hall (2003, p. 342-6) quando discutir as identidades e suas mediações culturais da diáspora negra, de contraposição de alguns elementos. Des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural biológico e genético. No momento em que o signifiante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir.

Seus questionamentos se aproximam das discussões de Sodré a respeito de repertórios afro-brasileiros construídos nas suas particularidades, mediante dispositivos culturais e étnicos de herança africana baseia-se na diversidade, diante destes questionamentos percebemos que o que esta em jogo é muito mais que a essência da ancestralidade da origem em si, parte também de um conjunto de práticas sociais e políticas culturais.

A literatura negra vai muito além de apenas uma simples definição pela cor do escritor ou de suas origens étnicas, trata-se sim de como ele vai se perceber como negro, como também há escritores que são afro-brasileiros. Muitos autores vivenciam na pele o preconceito do ser negro e transformam as experiências do seu cotidiano em literatura, um destes exemplos são as obras de Lima Barreto, que trouxeram a tona em suas linhas experiências como discriminação e preconceitos sofridos pelo autor ou por ele presenciadas em sua sociedade.

Segundo Davi Brookshw (1983), afirma que os escritores negros são capazes de defender estereótipos contra eles, mas que sua literatura não se restringe apenas a se defender: “[...] O aspecto importante a emergir da obra dos escritores negros, como veremos, é que, embora possam defender e mesmo internalizar estereótipos criados pela tradição branca a respeito deles, suas obras raramente limitam-se a isso, mas inevitável e desejavelmente, transmitem um conhecimento mais íntimo da posição do negro na América Latina e uma perspectiva mais pessoal e honesta de suas aspirações”

Outro desafio para o escritor afro-brasileiro é tentar (re)escrever a sua própria história e de sua cultura, pois ele teve o desafio de escrever através de uma linguagem ou melhor de um código lingüístico que de certa forma o aprisionará, pois estava submetido a uma cultura hegemônica.

Segundo Musa (1990), com o predomínio da Língua Portuguesa, com forte influencia deste da colonização no Brasil, seu predomínio em relação às línguas indígenas e africanas, que era empregada nas comunicações inter-grupais das mais diversas etnias que chegaram ao longo do processo de colonização. Não podemos esquecer que a língua portuguesa para os colonizadores, era uma forma de manterem o poder na terra colonizada, claro que impor a seu próprio idioma para os indígenas e posteriormente para os africanos era uma fazer de manter o estado de poder diante destas etnias. Dentre a manutenção do estado de poder, a assimilação proporcionaria a diminuição de possíveis levantes contra os portugueses, como também inibiria a formação de um compromisso ideológico entre os africanos e seus descendentes nascidos no Brasil.

Todavia apesar da imposição da língua portuguesa, a língua africana ainda estava presente entre os negros trazidos para o Brasil e sua manifestação mais forte. Podia ser notada entre os adeptos do candomblé, traços de oralidade marcantes que aos poucos foi solidificando-se com ao advento da literatura, uma oralidade que garantiu a permanência e a fluidez de história que é (re)conta ao longo das gerações.

Ao analisar textos pertencentes a literatura negra a autora Luiza Lobo (1987) analisa da seguinte forma a oralidade: “A diferença entre o escrito e o falado, entre o significado lógico e o sentido pragmático que tem marcado toda cultura ocidental, notadamente o Primeiro Mundo, tem sido conscientemente abandonada pelos escritores de origem africana, até mesmo na tentativa de encontrar um universo simbólico discursivo próprio.”

A literatura negra brasileira em sua contextualização sobre o negro ela tenta desfazer a imagem que a literatura dominante apresenta do negro e um dos aspectos para esta desmistificação seria a paródia, uma inversão dos papéis que a muito tempo fora sendo introduzida como características dos negro através de um discurso em que o negro é narrado como uma simples coisa um objeto que apenas serviria para o trabalho e um mero reprodutor e a muleta símbolo de beleza que se entregaria aos prazeres da carne sem nenhum pudor. Uma literatura dominante com uma visão limitada que não entenderia a alteridade.

Essa inversão a qual nos referimos de um discurso moldado por paródias na literatura negra traçaria novos caminhos para a alteridade negra que redefiniria o lugar da diferença. Uma literatura que vai se moldado pelas beiradas, que nasce de supostos lugares de silêncio. Os escritores da literatura negra, se apropriavam de um discurso literário dominante e os invertiam para desmitificar a representação dada aos negros por esta literatura dominante. Introduzir o contrário reverter valores, inserir sujeitos na história dar uma outra significação encontrar seu próprios heróis e construir uma épica negra, ou seja, contar história que tenham um significado, uma identificação com sua cultura que é exatamente uma constante na literatura negra.

A difusão da literatura oral africana ganhou um espaço em que os negros poderão manter viva a sua herança e resistirem a dominação um espaço conhecido como quilombo, possuidor de uma organização social. Segundo Abdias Nascimento:

Com efeito, o quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinarmente as massas negras por causa do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros.”(NASCIMENTO, 1980, p, 20).

Salientamos a afirmação da historiadora Beatriz Nascimento que enfatiza a organização quilombola como fundamental estratégia de resistência e afirmação da sua cultura para os

negros que foram trazidos para a América, uma forma de manter suas raízes sua cultura uma vez que no Brasil foram escravizados e tiveram que resistir a condições adversas no Brasil.

Capítulo2 - Lima Barreto e Rogério Andrade Barbosa: uma breve análise

“Que me importa o presente!_ No futuro é que está à existência dos verdadeiros homens”(BARRETO, p.68)

Lima Barreto um escritor, sua narração de dor e preconceito de uma sociedade se tornam fonte de pesquisas para inúmeros estudiosos que se preocupam com a temática afro-brasileira principalmente no viés da literatura na contemporaneidade.

Sua obra literária especificamente os contos que relatam o preconceito, discriminação, estereótipos e exclusão de um povo. Já presenciados em sua época, relatos que se configuram da passagem da Monarquia a República é notório que o autor busca em seus escritos o desejo de denúncia uma voz que ressoa em sua obra literária registrando as cenas e os acontecimentos mais marcantes de um povo especificamente de descendentes de povos africanos. Lima Barreto se preocupa em discutir a relação entre cultura e literatura como afirma o próprio autor “ todo me volte para a literatura e para a história e para as questões econômicas e sociais, sobretudo para estas”(BARRETO, 1956, p45-46).

A visão crítica de Lima Barreto o colocou a frente do seu tempo considerado por muitos como um pré Modernista enfatizava a importância de uma revisão nos valores literários visando favorecer um discurso direcionado aos personagens étnicos marginalizados.

Intervém naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma modernidade que tenta dar uma “mortalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e as histórias diferenciadas das nações, raças, comunidades e povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade. (BHABHA, 1998, p.239)

Nas primeiras décadas de 1900 a literatura era considerada apenas uma visão estética para os críticos e parnasianos, Lima Barreto apresentava uma linha oposta ao que estes

consideravam como estilo literário, Barreto em contrapartida a valores estéticos da *belle époque* como retoricismo e beletrismo (intelectuais que cultivavam as belas letras) á “ a arte pela arte” “a evasão”. Os críticos literários da época acusavam Lima Barreto de utilizar uma linguagem coloquial com pouco comprometimento do autor em sua escrita. Enquanto o Rio de Janeiro a *belle époque* carioca ansiava por modernidade alimentava a ciência a modernização da cidade com os automóveis e os trens elétricos o centro da cidade respirava ares franceses suas roupas, seus prédios eram moldados como reflexo da *belle époque*. Em contrapartida nos subúrbios e nos morros carioca seus moradores estavam indiferentes a este processo, a moda crescia no centro do Rio de Janeiro enquanto a pobreza aumentava nos morros cariocas. Lima Barreto indiferente a este processo de modernidade e de certezas vivenciada expôs as contradições desta sociedade com ares de modernidade, mas ainda conduzida por práticas e idéias conservadoras, tomada pelo cientificismo, por um entusiasmo aparentemente democrático estampado em ideais Republicanos.

No período que vai 1890 até a Primeira Guerra, a certeza da prosperidade deu lugar a uma sociedade de “sonhos ilimitados”, mais conhecida como *belle époque*. No Brasil, por sua vez, a atmosfera que no Rio de Janeiro ficou conhecida como “regeneração” parecia corresponder ao surto que ocorria em outras partes do mundo, além de trazer a sensação de que o país estava em harmonia com o progresso e a civilização mundial. O suposto é que a República representava a modernidade que se instalava no país, tirando-a da “letargia monárquica” ou da “barbárie da escravidão” (COSTA, SCHWARCZ, 2000, p.27)

O país só poderia alcançar tal grau de modernização se o regime político estivesse de acordo com estes novos ideais então nascia em 1889 à República, na tentativa de aproximar o Brasil com as nações mais desenvolvidas do mundo na época de teorias positivistas e modernistas para o progresso tão desejado. Porém continuaram com a mesma mentalidade o favorecimento de um pequeno grupo em detrimento aos grupos menos abastados da sociedade nos “bastidores” ao fechar das cortinas tudo permanecia como antes no período monárquico.

Afonso Henrique Lima Barreto, escritor e jornalista vai ser a voz que atreve-se a falar do que outros escritores esqueceram ou simplesmente ocultaram falar do povo dos subúrbios que “manchavam” a imagem de modernidade e civilização de harmonia que queriam que a cidade transparecesse, sempre com uma posição crítica diante dos fatos da sociedade, não se omitia a temas como discriminação e preconceito racial eram constantes em sua obra

literária. Construindo um perfil de país diferente daquele apresentado pela sociedade da época e revelando as realidades omitidas por eles.

Nesse contexto, a opção de Lima Barreto, enquanto intelectual, para discutir os valores da cultura brasileira é a Literatura por acreditar que na profundidade de sua abordagem quer no seu poder de transformação da realidade. Assim, não toma partido do nacionalismo reformista – a formação e a presença do caráter nacional conforme o modelo de clareza épica e continuidade ininterrupta nem tampouco adota o tom trágico e pessimista inviabilidade da nação brasileira, devido a natureza tropical ou a degeneração racial que diminui os valores da sociedade e da cultura. Demonstra, por isso, aversão aos determinismos e imposições que configuram a realidade a partir de uma tendência absoluta e linear. A opção pela literatura possibilita oferecer ao leitor um convite instigante: seguir as marcas do sonho num percurso em direção ao próprio rosto!(FIGUEIREDO. Apud BARRETO,1997,p, 389)

Lima Barreto elegeu como veículo para expressar o seu inconformismo diante da sociedade e dos seus valores hegemônicos, a arma escolhida para denunciar estes ideais foi a literatura uma hegemonia que só acontecia na teoria, pois na prática apenas um grupo da sociedade era privilegiado e aquelas pessoas do subúrbio foram sendo “escondidas” já que a modernidade não podia ser suprimida pela população o belo, a política de higienização foi colocada em prática. As práticas ocorridas na França influenciavam as visões políticas da elite Brasileira os ideais franceses de modernização e urbanização foram apropriados pelo único país da América Latina que ainda conservava o regime da monarquia. E a partir da década de 1870, que o regime Monárquico começou a sofrer protestos e críticas de setores da sociedade, integrantes do partido liberal estavam descontentes com as atitudes do imperador e resolveram se aliando aos republicanos tradicionais e fundando o Partido Republicano. O Imperador aos poucos perdeu o apoio de seus aliados a Igreja e o exercito e com o fim da escravidão, conseqüentemente o apoio dos proprietários rurais aos poucos o novo regime foi se constituindo os acontecimentos que marcaram a França desde 1789 encorajaram os Republicanos Brasileiros, a ousadia que os revolucionaram franceses tiveram em destronar um monarca e instituir um novo regime que propunha a participação do povo no governo e conseqüentemente a descentralização do poder estes eventos ocorridos na França so inflamaram os anseios dos Republicanos brasileiros.

Todas as nossas aspirações, todas as preocupações dos republicanos das propagandas eram de fatos copiadas das tradições francesas. Falávamos na França bem-amada na influencia da cultura francesa, nas menores coisas das nossas lutas políticas lembrávamos a França A Marselhesa era nosso hino de guerra e sabíamos de cor os episódios da grande revolução. [...] A França era nossa guiadora, dela falávamos sempre e sob qualquer pretexto (CARVALHO, 1990, p. 12-13).

Diante do exposto vai sendo construído um novo cenário no Brasil com um perfil de nação moderna, branca e europeizada a República é instituída em um clima de promessas econômicas, políticas e sociais. Muitos dos problemas do antigo regime permaneciam ou se acentuavam na República como o crescimento populacional, marginalização, falta de emprego e as epidemias constantes. A comparação com Paris neste caso é inevitável, já que o Brasil vai se moldando tendo com Paris seu exemplo de cidade moderna e civilizada.

Temos que salientar que Paris foi reestrutura depois das revoltas, seu crescimento e sua reorganização precisavam ser efetivados para tanto o centro de Paris, as ruas que antes eram estreitas precisavam ser abertas e novas ruas formadas a higienização também se faz necessário neste processo com o estabelecimento de esgotos uma fase de higienização e estética estava sendo construída, pois a maior preocupação era retomar o centro desta cidade, como também a preocupação com a segurança, pois possíveis revoltas poderiam ocorrer. A desobstrução de ruas facilitaria a circulação de tropas homens responsável pela segurança desta nova cidade, como se as veias de um organismo estivesse obstruídas e para curar uma possível doença ou ate a morte desta era necessária uma intervenção.

A partir disso, pode-se justificar a opinião de Michel de Certeau sobre as cidades. Para ele, cidade é vista a partir de dois pontos distintos: a classe dominante e os usuários dela. O primeiro ponto, o poder, enxerga a cidade apenas como um objeto por meio de formas de dominação – tabelas, cartas, estatísticas; já o último, seus praticantes, sem saberes acerca dela, vivem e se relacionam com a cidade. Para estes últimos, as estruturas físicas e abstratas da cidade têm valores afetivos e até intelectuais. A cidade dos praticantes é a cidade real, uma obra de arte coletiva produzida por suas memórias e cristalizada em seu imaginário (LEME, 1999, p. 222).

Salientamos que no Brasil e na França ocorreu uma preocupação de reorganizar a cidade sempre da elite, porém observamos que esta reestruturação da cidade nada mais é do que uma forma de segregar, dividir e estabelecer lugares e legitimar outros não apenas nos espaços físicos, mas também da população que como em um jogo de xadrez dispõe das peças de um tabuleiro determinar os lugares que cada pessoa deveria frequentar.

A tática só tem lugar no espaço do outro. Ela tem de jogar, também, com o terreno que lhe é imposto tal qual o organiza a lei de uma força estranha a ela. Ela não tem meios de realizar-se nela mesma, a distância, numa posição de refúgio, previsão e de acúmulo de si: ela é movimento ‘ no interior do campo inimigo’’, como diz Von Bulow, e no espaço controlado por ele.(CERTEAU,1980,p60)

Lima Barreto consegue diante deste espaço de legitimação da elite através da literatura burlar estes espaços e transformar sua literatura em uma arma de denuncia e protesto contra essa aparentemente modernização e civilização que a elite que transmitir a população.

Lima Barreto, é, entre nós na verdade o tipo perfeito do analista social, mas um analista que combate [...] ele não se limita a mostrar todos os fundos das cena, o que vai pelos bastidores de nossas vidas ; toma partido, assinala os autores que falam a linguagem da verdade, mostra o que há de falso, de mentiroso na linguagem dos outros. (FIGUEIREDO.Apund. BARRETO, 1997, p.420)

Muitos críticos consideravam a escrita Barretiana desleixada, não compreendiam o real significado de sua obra literária sentido de não apenas escrever mais entender e interpretar a realidade da época abordando diferentes temas como a discriminação e o preconceito racial. Segundo João Antônio a escrita de Lima Barreto transcendia a uma simples obra literária a percepção do autor eram maior ‘ contra as rotinas, os preconceitos, contra a tolice, contra a frivolidade, contra o ramerrão, contra as normas e as regras que so o tempo consagra’.

Faremos uma breve contextualização sobre Rogério Andrade Barbosa, literatura oral Africana é narrada a partir de contos africanos da cultura popular, quando o escritor Rogério Andrade Barbosa , retornou da Guiné Bissau, onde residiu durante dois anos como professor voluntário da Organização das Nações Unidas (ONU), ele (re)contou os contos africanos de uma maneira que o fio imemorial da Literatura oral africana não foi rompido os laços da África foram preservados. No seu livro de contos intitulado contos ao redor da fogueira Rogério narra a história de Bunga, a noiva da chuva, mas antes de analisamos esta obra que tem como pano de fundo a cultura e a herança africana temos que compreender o que seria experiência e oralidade. Para entender como a experiência de um povo foi passada de geração em geração através da oralidade.

O tempo é de relembrar e contar histórias que recuperam as marcas da africanidade. Segundo Benjamim, traçar o perfil de um narrador não significa aproximá-lo do ouvinte, mais distanciá-lo deste. Os elementos que definem o narrador podem surgir de diversas

formas, tais como: um rosto humano ou corpo de animal presente num rochedo. Esse afastamento é consequência da impossibilidade de o homem moderno narrar fatos passados, acontecimentos, ou situações vividas ao longo de sua vida, sendo assim, a "arte de narrar está em vias de extinção" (Benjamin, 1989, p. 197).

O narrador tem como função trabalhar a experiência que é transmitida de pessoa para pessoa e na contemporaneidade esta arte de narrar com Benjamin argumenta esta em extinção, entretanto Rogério Andrade Barbosa tenta reviver esta arte invocando em seus (re)contos africanos memórias de um povo que foram ao longo do tempo transmitidas de geração em geração. Na contemporaneidade a uma preocupação da sociedade entre outros setores de mostrar que no Brasil não "existe" racismo e preconceito os críticos literários diferentemente do período de Lima Barreto, não perseguem os escritores negros ou aqueles que produzem uma obra literária, voltada as questões étnicas e raciais, lógico que a visibilidade destes autores poderia ser maior no meio literário, e encontramos um autor que se destaca no meio literário com suas obras voltadas para questões relacionadas com a literatura oral africana.

Segundo Camara Cascudo(1984,p.236) o conto revela informações histórica, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais. Ele é um documento vivo que transmite idéias, costumes, julgamentos e experiências.

Segundo Luiza Martinez os estudos sobre a oralidade africana aconteceram em perspectivas diferentes dependendo do propósito da pesquisa Os folcloristas acreditam que esta expressão cultural é a sobrevivência de tradições desaparecidas. Já os etnólogos é apenas o reflexo da sociedade contemporânea como também a forma de transmitir heranças culturais de um grupo. E por fim os psiquiatras que segundo Freud é expressar os problemas psicológicos, e na realidade à literatura oral africana é essa mescla.

A figura dos narradores de histórias da África os "Griots", representado na imagem dos anciões portadores de uma cultura de uma história de toda uma herança cultural que foi sendo transmitida de geração em geração. Esta prática que remonta as mais antigas civilizações da África foi uma forma encontrada pelos africanos de manterem vivas suas tradições.

Não vivemos mais em sociedades que permitem a figura do narrador como um sábio, como aquele que é capaz de dar um conselho. Mas parece ser ainda possível encontrarmos narradores que acreditam que sua tarefa é trabalhar a matéria prima da experiência, a sua e a dos outros, num produto sólido e único, como faz Dina Salústio em cenas curtas, porém contundentes. A escritora retira

da sua própria experiência o que conta, incorporando o narrado à experiência de seus ouvintes-leitores (BENJAMIN, 1985, p. 200)

A partir dos contadores de histórias africanos guardiões de histórias e memórias de vários povos africanos suas experiências seus mitos, fatos e feitos de seus ancestrais (re)contado ao longo das gerações, foram poetas, músicos e conselheiros que adentraram no Brasil que terão um real significado a cultura africana.

Segundo Benjamin um homem que sabe dar conselhos e é capaz de tirar das narrativas a sabedoria e envolver o ouvinte de tal forma, que se torna companheiro de história. E que o narrador portador de um conhecimento. Benjamin fala também de um narrador enraizado no conhecimento popular.

Ele se apresenta como um lapidador, que figura entre os mestres e os sábios. Aquele que, na sua arte de narrar, de dar conselho, fala sobre muitas coisas, como um sábio. Nada escapa à sua narração, devendo dominar um acervo de toda uma vida. Com tanta maestria, esse tipo de narrador, como Benjamin define, no mundo de hoje, está cada vez mais difícil de se encontrar, pois o homem moderno ao longo da sua trajetória histórica tem vindo a desligar-se da sabedoria popular e a usar cada vez menos a voz como meio de transmissão desse saber. (BENJAMIM, 1986, p20)

Os griots conseguiram ao longo das gerações transmitirem seus conhecimentos sua herança cultural traços de uma história, como os eternos mistérios e as inevitáveis transições da vida, narravam mais experiências de vida, e de lutas para manter viva a sua história cultural. Na contemporaneidade o ato de narrar está ficando cada vez mais raro, a literatura oral africana, o ato de narrar e a força da palavra se perdeu com o tempo e Rogério Andrade Barbosa tenta resgatar esta herança através dos seus contos africanos.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parece segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p 97-98)

A experiência trazida pelo autor quando esteve na Guiné Bissau nos apresenta um vasto material sobre a literatura oral africana, um experiência que foi transmitida pelos anciãos de cada região onde esteve o autor história que transmitem um cultura que colocam em cena herança cultura que não foi esquecida ao longo de geração.

Capítulo 3- O conto em dois tempos: Lima Barreto e Rogério Andrade Barbosa.

Neste capítulo analisaremos os contos de Lima Barreto e de Rogério Andrade Barbosa enfatizando a partir de suas obras literárias as relações étnico raciais, e a valorização de uma herança cultural afro-brasileira enriquecida pela literatura oral africana. Perceberemos como a partir da obra literária, em especial os contos Lima Barreto, propõem outra representação da presença africana na cultura brasileira, utilizando os próprios elementos que foram transmitidos a ele pela cultura imposta na época segundo o próprio autor:

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si. (BARRETO, 1998,p. 24)

Lima Barreto ao invés de menosprezar elementos que foram utilizados para desvalorizar a imagem e a cultura dos afro-brasileiros, apropria-se destes elementos e da outro sentido ao que vê e ao que lê o sentido de valorização da cultura.

Segundo Chartier (1997, p.117) a representação do mundo está ligada à posição social dos indivíduos, sendo, desta forma histórica que foram sendo construídas ao longo do tempo. A representação em si nada mais é do que uma estratégia de classe que media a relação entre ela e as outras. Diante do exposto configura-se uma arena de representação, na qual cada classe representa a realidade da forma que lhe convêm em uma mesma época.

Nos contos, “Um especialista” e “Uma conversa vulgar” e “Clara dos Anjos” analisaremos como Lima Barreto contextualiza as representações das mulheres negras e mulatas, enfatizando características as estas atribuídas de forma pejorativa na literatura brasileira. E o autor utiliza esta caracterização pejorativa que a sociedade européia impõe as

mulheres afro-brasileiras para denunciar, exaltar a beleza da mulher negra ou mulata e compreender as relações étnicas.

Ao atribuir a mulher negra e mulata, um discurso estereotipado estes sujeitos acabam ‘’subjativando’’ este discurso e incorporando essas características pejorativas ao seu cotidiano. A literatura de Lima Barreto promoveu a estes sujeitos um reconhecimento de suas heranças culturais, através da arte literária. Segundo Fanon sobre a literatura e sua tarefa:

[...] a literatura compromete-se cada vez mais na sua única tarefa verdadeiramente atual, que é a de fazer passar á coletividade á reflexão e á mediação: este trabalho quereria ser um espelho de infra-estrutura progressiva, onde o negro em vias de desalienação se poderia reconhecer. (FANON, 1970.p.211)

No conto, ‘‘Um especialista’’ de Lima Barreto observamos o lugar social que foi reservado às mulheres negras é visível nesta passagem da obra, são tratadas com objetos de prazeres e desejo. O conto narra a história de um negociante que se apropria das mulheres negras e mulatas para exploraras financeiramente e sexualmente. Sempre foram atribuídas características como luxúria e libertinagem como se elas não tivessem outras características, e suas representações culturais e históricas fossem impregnados de elementos negativos. Lima Barreto repete estereótipos da própria literatura brasileira, entretanto esta atitude expressada pelo autor pode ser interpretada como uma maneira de expor à discriminação e o preconceito racial a representação dada neste conto a mulher negra ou mulata é uma forma de questionar essa caracterização da mulher e as relações entre elas, as especiarias e a comida.

Gostava das mulheres de cor e as procurava com o afincio e o ardor de um amador de raridades. À noite, pelas praças mal iluminadas, andava catando-as, joeirando-as com olhos chispantes de lubricidade e, por vezes mesmo, se atrevia a seguir qualquer mais airosa pelas ruas de baixa prostituição. A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar. (Barreto 1997. p.5)

É interessante observamos que Lima Barreto vai muito além da denúncia de sua época, e nos remete ao tempo da colonização o protagonista do conto é simplesmente um comerciante português, desta forma retrocedendo e nos transportamos para a época da colonização brasileira, pois o personagem compara a mulata com uma especiaria portuguesa nas próprias palavras do narrador ‘‘ A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é,

enfim, a especiaria de requeime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar. ”

A comparação é evidente nessa narrativa comer é saciar o impulso tanto sexual como da própria fome, os sabores e cheiros se confunde com o prazer de satisfazer-se, e não esquecendo que na crença popular cravo e canela são afrodisíacas especiarias comparadas com a mulher. E a mulher escrava servia tanto de objeto de prazer para os seus senhores como para os seus filhos. Segundo Maria Giacomini a exploração da mulher negra seguia duas linhas a étnica e a de gênero.

A utilização sexual da escrava não poderia ser entendida como simples resultante da condição de escravidão. Nesse caso, tanto escravo como escrava, por partilharem a mesma condição de cativo, teriam sido alvos das investidas sexuais dos senhores. A possibilidade de utilização dos escravos como objeto sexual só se concretiza para a escrava porque recai sobre ela, enquanto mulher, as determinações patriarcais da sociedade, que determinam e legitimam a dominação do homem sobre a mulher. (GIACOMINI, 1988.p.65-66)

Outro aspecto que podemos observar no conto é a ambivalência no discurso do estereotipo, quando o português é interrogado pelo amigo ao perguntar-lhe “O que pretendes fazer dela? Dize lá. É boa... Que pergunta! Prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e "lançá-la" E é pouco?” ao mesmo tem que a um reconhecimento das diferenças culturais, raciais e históricos ocorre uma rejeição, ou seja, a mulata para o português gera um sentimento contraditório de desejo e de repúdio. O comerciante fica encantado com a beleza da mulher afro-brasileira vale salientar que em nenhum momento do conto Um especialista de Lima Barreto a beleza da mulher não é caricaturada e sim exaltada diferente de outras obras literárias a qual a caricatura da mulher negra ou mulata é evidente, um exemplo desta caricatura pode ser presenciada na obra literária de Monteiro Lobato, no livro de Tia Nastácia:

— Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas. Não humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto. Não gosto e não gosto (LOBATO, 1937, p. 31).

Nesta parte do conto, “Um especialista” de Lima Barreto é evidente a exploração sexual, as agressões físicas e morais cometidos pelos homens a estas mulheres negras e

mulatas. Lima Barreto faz questão neste conto que a própria mulher neste caso Alice narre a sua trajetória de dor e sofrimento, uma exploração sexual e financeira a qual foi submetida:

(...) Uma vez, quando vivia com um sargento do Regimento de Polícia, ele chegou em casa embriagado, tendo jogado e perdido tudo, queria obrigar-me a lhe dar trinta mil-réis, fosse como fosse. Quando lhe disse que não tinha e o dinheiro das roupas que eu lavava, só chegava naquele mês para pagar a casa, ele fez um escarcéu. Descompôs-me. Ofendeu-me. Por fim, cheio de fúria agarrou-me pelo pescoço, esbofeteou-me, deitou-me em terra, deixando-me sem fala e a tratar-me no hospital.(BARRETO, 1988,p.144)

Em outro conto de Lima Barreto intitulado “Uma conversa vulgar” narra à história de uma crioula que cuida dos afazeres domésticos, dos prazeres e do comércio do seu companheiro José da Silva até ele se tornar Visconde de Castanhal, a partir deste momento o visconde abandona a sua mulher negra e o seu filho para formar outra família com uma mulher branca, enquanto aproveita o dinheiro que conseguiu com a primeira família

Não havia desta casas na cidade e logo foi a dele se afreguesando. Silva atendia a freguesia na sala; e no interior para encher as garrafas, lavar os copos, cozinhar para ele e tratar da sua roupa, tinha um preta com quem vivia amasiado (...), em breve José da Silva viu-se obrigado a aumentar a casa que até ai só tinha duas portas.um outro seu patrício invejou-lhe a sorte e Silva finório que era, travou logo de passar o estabelecimento adiante com grande lucro.(Idem, 1988, p.144)

A denúncia da condição da mulher negra é evidenciada neste conto de Lima Barreto podemos analisar que antes mesmo do comerciante se tornar visconde a sua mulher que é negra fica restrita, aos fundos enquanto ele fica na sala, uma convivência que estabelece uma relação patrão, empregada e amante, uma relação que apesar de épocas distintas, pode ser evidenciado na contemporaneidade, onde podemos observar o espaço da casa destinado a empregada em na maioria são composta por mulheres afro-brasileira e que não todas mais algumas por diversos fatores pode torna-se amantes dos seus patrões.

A discriminação da mulher negra, o olhar lançado sobre a mulata enquanto objeto sexual e ainda constante na sociedade brasileira, chegando a um ponto de contradição: ora a condição “mulata” é considerada por alguns como categoria profissional e ora como simples produto de exploração”. (GOMES, 1985.p.102)

Já no conto “Clara os Anjos”⁴ que retrata as injustiças sofridas pela mulher negra e mulata a denúncia do preconceito e da discriminação é evidente podemos observar a sedução e o abandono das mulheres negras e mulatas. Lima Barreto neste conto que posteriormente se transforma em romance denuncia o que na sociedade era apresenta nos jornais da época a sedução de mulheres negras e mulatas cartas semelhantes a esta que Cassi Jones manda para clara dos anjos era comum:

Queridinha, confesso-te que ontem quando recebi a tua carta fiquei tão louco que confessei tudo a mamãe que lhe amava muito e fazia por você as maiores violências, ficaram todos contra mim, e é a razão porque previno-te que não ligués ao que lhe disserem por isso peço-te que preze bem o meu sofrimento. Pense bem e veja se estás resolvida a faz o que lhe pedi na ultima cartilha. Saudades e mais saudades desde infeliz que tanto lhe adora e não é correspondido. O teu Júlio” (BARRETO, 1998, p,131)

Lima Barreto apresenta o jogo de sedução que através de palavras de amor e afeição Cassi Jones tenta seduz a jovem Clara diz que confessou o amor que sentia pela jovem a família e que era capaz de enfrentar tudo por este amor. Se mostra enfeitiçado pela beleza da jovem a chama de “queridinha” demonstrando “amor” todos os esforços são feitos pelos rapazes para conquistar e seduzir mulheres negras e mulatas até prometendo casamento, os sedutores alegavam em suas cartas sofrimento e dor pelo amor não correspondido palavras que iludiam a maioria das mulheres.

As histórias de abusos sexuais eram constantes nos jornais da época, mas para Lima Barreto não era o bastante para denunciar os abusos sofridos por estas mulheres e ele utilizou o conto de Clara dos Anjos não apenas como forma de narração, mas como denuncia o que as mulheres eram submetidas na sociedade um processo de abuso que acontecia por se tratarem de mulheres negras e mulatas.

A arte literária de Barreto se mistura com sua própria vida com seu cotidiano, ele como irmão protetor teme pela sorte da irmã que corria o mesmo risco da personagem Clara dos Anjos de abusarem da sua inocência, como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as por igual a concubinas e escravas. Diante do exposto percebemos esta preocupação nas páginas do seu Diário Íntimo de dezembro de 1905:

⁴ Obra literária Clara dos Anjos aparece na literatura de Lima Barreto tanto na forma de conto como em romance nosso estudo se concentrará na forma de conto, entretanto não desprezaremos algumas informações relevantes sobre a obra de Lima Barreto que se encontra no romance.

Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira, ou se quer atirar a toda espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe apareceram. Até bem pouco era na casa do tal Carvalho, onde se reúne toda a espécie de libertino vagabundo; cortei estas relações. Agora é na casa do idiota do Sardinha, casa de positivista, o que quer dizer casa de namoros. se a minha irmã não fosse de cor, eu não me importaria, mas sendo dá-me cuidados, pois que , de mim para mim que conheço essa nossa sociedade, fuge-me ao pensamento ao atinar porque a resquetam(idem,2001. p.1241)

Mas para compreendemos estes ato de sedução é imprescindível uma breve análise sobre o grupo social a que pertencia o nosso sedutor Cassi Jones ao decorrer do conto, coloca-se em posição superior as pessoas marginalizadas, ele tinha uma ar de liderança que exalava a cada conversa com seus companheiros de subúrbio como Ataliba do timbó, Zezé Mateus, Arnaldo e Menezes pessoas que não eram da mesma condição social a que ele pertencia “ no subúrbio, tinham seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e em qualquer parte, era apontado: no subúrbio enfim, ele tinha personalidade, era Cassi Jones de Azevedo”(SILVA, 2010 p,163)

Os sedutores em especial Cassi Jones se aproximava de suas vitimas as escolhi bem mulheres do subúrbio negras e mulatas, se utilizando da carta que é uma forma de manter na mente e no coração das mulheres sua presença mesmo estando ausente. Tendo a carta como função de representação para as mulheres uma representação do ser amado. “embora invisíveis, nos fazem espiritualmente presentes nesses sagrados instantes da iniciação “ (APUD SILVA,1979, p, 84). Um jovem sedutor branco, pertencente a uma família burguesa que seduz e abandona mulher, ele dividia seu tempo entre seduzir mulheres, tocar violão e apostar em brigas de galo. Deflorava as moças negras e mulatas e sai dessa situação ileso sob a proteção da mãe.

Clara dos Anjos não foi a primeira vitima de Cassi como podemos observar nesse trecho do conto que era sim uma constante na sociedade a sedução e o abandonado de moças negras ou mulatas representadas na figura de Clara dos Anjos por Lima Barreto:

Mas de uma vez, ele se vira a braços com a policia por causa do defloramento e sedução de menores o pai, desde a segunda vez recusara a intervir; mas a mãe, dona Inês, a custa de rogos, de choros, de apelo para a pureza de sangue da família conseguiu que o marido, o capitão Bandeira, procurasse influenciar, a fim de evitar que o filho casasse com uma negrinha de dezesseis anos a quem Júlio tinha “feito muito mal”. Apesar de não ser totalmente má, os seus preconceitos junto a estreiteza da sua inteligência não permitia ao seu coração agasalhasse ou protegesse

o seu infeliz neto. Sem nenhum remorso deixo-o por aí, á toa, pelo mundo. (BARRETO, 1998, p, 130)

O narrador nos apresenta mais uma caso de sedução e faz questão de salientar que era uma “negrinha” e adolescente, o narrador faz uma insinuação irônica as palavras da mãe de Cassi, ao preconceito afirmando que não era “totalmente má” porém era preconceituosa a ponto de jogar com a sorte de uma criança ao invés de acolhera em sua própria casa seria capaz de abandonada-la a sua própria sorte mesmo sendo seu neto apenas uma criança negra nas seguintes palavras” seu neto infeliz” e “á toa , pelo mundo...”

Ainda sobre o conto salientamos o olhar de Cassi Jones em direção a Clara dos Anjos como a maioria dos homens da época e obvio ainda hoje são movidos por teorias racistas impregnadas de preconceito, discriminação e recheada de estereótipos de conceitos presentes no imaginário da mulher negra e mulata um misto de prazer e desejo que percorria o imaginário dos homens. Na literatura a mulher negra e mulata era narrada de forma sensual como se esta fosse sua única qualidade, a única característica da mulher afro-brasileiras

Podemos perceber o olhar que Cassi Jones lança sobre Clara dos Anjos quando chega na casa dela, o narrador enfatiza as características observados por Cassi ao se encontrar com Clara “Apresentando aos donos da cada da casa e á filha, ninguém lhe notou o olhar guloso que Cassi lançou para os seios empinados de Clara” “ não deixava o famoso mestre violeiro de devorar sorrateiramente com o olhar lascivo os bamboleios dos quadris de Clara, quando esta dançava”(BARRETO, 1998,p,127-128). A mulher negra ou mulata sempre visualidade como se uma sexualidade e sensualidade fossem seus únicos atributos e o autor descreve Clara dos Anjos com estas características de uma forma que acentua esta imagem presente na literatura tradicional brasileira, todavia temos que ficar atentos para as nuances desta repetição de estereótipos, que é a inversão de deste discurso de estereótipos negativos que nas mãos de Lima Barreto torna-se uma forte arma de denuncia, pois expõe a discriminação e o preconceito e todo o sofrimento da mulher negra e mulata, e uma forma de fazer com que o estereotipado tenha consciência de si.

Neste sentido Lima Barreto realiza o que para Roger Bastide pode ser considerado como “uma reação aos estereótipos desfavoráveis” na realidade produzindo imagem que são favoráveis aos negros e a transmissão da sua herança cultural, o que muitos historiadores e escritores literários podem considerar como defeitos. A tradição funciona como repertório de

significados. Cada vez mais os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua existência. Eles fazem parte de uma reação dialógica mais ampla com o “outro”. (HALL, 2003, p77). Lima Barreto consegue em sua arte literária um espaço de denúncia a discriminação racial, ao mesmo tempo em que torna a obra um lugar de socialização do cotidiano. O autor denuncia sofrimento e discriminação que apesar de seu lugar de intelectual também sofria na pele as humilhações de seu povo, Barreto deu continuidade a herança de resistência atuante na contemporaneidade.

“Os “livros” da experiência milenar africana foram guardados na memória dos idosos. Quando morre um ancião, se perde uma biblioteca.” (HAMPATÉ).

Rogério Andrade Barbosa escritor contista (re)elaborar em seus narrativas sobre a literatura oral africana neste trabalho abordaremos uma de suas obras literárias contos ao redor da fogueira, e utilizaremos os contos pertencentes a esta obra que é Kumbu o menino da floresta sagrada e Buanga a noiva da chuva.

Em entrevista concedida ao site Doce de Letra em Março de 2000 o escritor Rogério Andrade Barbosa responde a repórter sobre suas obras literárias e suas experiências na Guiné- Bissau:

Ainda existem griots de verdade na Guiné-Bissau? Você conheceu alguns deles?
 “Sim, principalmente no interior, onde são muito respeitados. Tive a oportunidade de presenciar alguns deles em ação e me encantei com o modo teatral que utilizam para dominar e encantar as platéias, seja embaixo de uma árvore, ao redor de uma fogueira ou em praça pública.” Como você percebe a influência dos contadores de histórias na literatura que você produz? Nos livros que escrevi baseados na tradição africana é nítida essa influência: ainda mais quando tento reproduzir a grandiloquência e a magia arrebatadora das narrativas orais. (BARBOSA, 2000)

A repórter pergunta ao autor Nos seus primeiros livros como na série Bichos da África - era nítida a sua preocupação com o resgate dos contos da tradição popular. Mas, quando começou a escrever para adolescentes, você passou a incorporar cada vez mais elementos da realidade, a ponto de misturar ficção e jornalismo. Podia falar um pouco dessa trajetória? Como se deu essa transição de linguagem. Segundo Rogério Andrade Barbosa Meus primeiro livros, final dos anos 80 e começo dos 90 – no auge da comemoração do centenário da abolição da escravidão – refletem esse momento e uma necessidade do mercado editorial, pois quase não haviam livros que abordassem a cultura africana. Nos livros pra adolescentes, que são os meus preferidos, já que posso abordar uma gama de assuntos com

mais profundidade, a trajetória tinha que ser diferente. A linguagem quase jornalística talvez seja pela minha sede de informações: sou um leitor compulsivo de jornais e revistas, sem falar que estou sempre ligado nos noticiários tanto na TV como no rádio. Além disso, viajei muito pelo mundo afora. Daí o fato de minhas histórias terem cada vez mais elementos da realidade, misturados com ficção e jornalismo.

Ao analisar seus contos entre eles contos ao redor da fogueira: o conto Kumbu o menino da floresta sagrada podemos observar que o nascimento de crianças é feito por uma parteira e a mãe fica isolada dos homens da aldeia ao dar a luz em algumas aldeias africanas o nascimento de gêmeos era visto como mal presságio e o segundo ao nascer era abandonado na floresta e que a mãe não poderia interferir, pois era uma antiga tradição africana.

Quando a parteira da aldeia, cujo o rosto enrugado atestava sua longa experiência apareceu dobrando o corpo cansado pela estreita abertura da porta, todos se calaram. A velha, com uma voz seca e grave anunciou: _ São gêmeos. Dois meninos. O pai arrasado com a notícia, baixou os olhos, e sem dizer uma palavra retornou para a cabanas dos homens. (...) só o velho Ruanda, o curandeiro, é que teve acesso ao recinto privativo das mulheres (...) em silêncio, a velha entregou uma das crianças, enrolada num pano branco ao curandeiro. (BARBOSA, 2000.p.12)

Em outro trecho podemos analisar outra parte do mesmo conto em que uma mulher é desprezada pelos homens e pela sociedade africana, pois não pode ter filhos.

Assim que Ruanda se afastou, uma sombra furtiva saiu detrás das folhagens. Era Koya a mulher mais desprezada da aldeia. Como não conseguiu engravidar, nenhum homem a queria mais como esposa’’ e que adianta casar com uma mulher que não pode gerar filhos? _Diziam os aldeões. (...) Koya acho-o a coisa mais linda do mundo. Tinha a pele negra e luzidia⁵ como uma pantera. (BARBOSA,2000.p.13)

Em contos ao redor da fogueira podemos perceber elementos da herança africana abordados pelo autor Rogério Andrade Barbosa em seus relatos a partir do conto Buanga a noiva da chuva, principalmente no que se refere a mulher na cultura africana.

Buanga era bem pequena, mas se lembrava, como se ainda fosse hoje daquele fatídico dia. Fazia muito calor. Há muito tempo que não cai uma gota de chuva do céu. As mulheres da aldeia tinham que buscar água em poços cada vez mais

⁵ A palavra Luzidia significa que brilha.

distantes. Os bichos da floresta pareciam ter emudecido com a prolongada seca.(...) Buanga interrompeu a brincadeira, em frente á cabana da mãe, quando avistou os homens mais velhos do lugar caminhando lentamente em sua direção. Pelo modo como estavam vestidos, parecia que algo de muito importante iria ser realizado. Encabeçando o cortejo dos anciãos, marchava Songa, o temido curandeiro. O maior fazedor de chuvas daquela região.(BARBOSA ,2000 p. 34)

Neste conto Buanga enquanto o autor vai apresentando o triste destino de Bunga, ele apresenta também características da cultura africana, em especial das mulheres os deveres delas em tempo de seca na região a mulher que ficaria encarregada de buscar água e não o homem como pensaríamos por ser mais “força” do que as mulheres.

Em outro trecho do conto observamos a tradição Buanga havia sido escolhida para ser a noiva da chuva, pelos espíritos ela teria que se sacrificar pelo resto da população de sua aldeia. Nesta parte podemos observar que a tradição de escolher jovens virgens para serem a noiva da chuva foi uma prática comum em muito povos da África o ultimo caso registrado foi na África Oriental em 1923, jovens virgens eram selecionadas para servirem de sacerdotisas aos deuses da chuva. E o homem que ousasse tocá-las seria punido com a morte.

Buanga achava aquilo tudo muito estranho “Não era o tempo festivo das colheitas. Ninguém havia morrido. Nenhuma mulher ia se casar. Qual seria o motivo dos mais velhos estarem com as roupas.Quando pararam na porta da cabana, Buanga sentiu o corpo estremecer de medo. O curandeiro pegou-a pela mão e levou-a pra dentro. Ao lado da mãe, escutou da boca de Songa aqueles palavras que nunca mais lhe sairiam da cabeça: -Sua filha foi escolhida para ser a mulher do Espírito da chuva! Nossos ancestrais apareceram para mim num sonho a noite passada.. A mãe de Buanga não disse uma palavra. Sabia que era uma grande honra o fato de a filha ter sido a indicada dos deuses. De acordo com as antigas tradições, sua amada filha,destinada a ser esposa do Deus da Chuva,deveria viver isolada pra sempre nas montanhas sob os cuidados maternos.Para sempre.A partir desse momento, Buanga não poderia ver ou travar conhecimento com nenhum homem,pois perderia sua condição divina o que Atrairia a desgraça e a seca eterna de sua gent(BARBOSA ,2000 p. 35)

Já no conto Duula, a mulher canibal – um conto africano (2000) recria o relato mítico da tradição oral africana, em especial do povo somali, que tem as mulheres-canibais como protagonistas. A transformação de uma linda jovem que ao ser abandonada pelos pais e passando as adversidades da África se transforma em horripilante mulher canibal é descrita de forma entre a realidade e a ficção figura de estranhos poderes

(corre mais rápido que leopardo, tem visão aguçada, dentes afiados, incrível audição), que “comecarne crua e rói ossos de seres humanos”. No entanto, a transformação é promovida por elementos sociais e não mágicos: a fome, a miséria e a seca acabaram com seus familiares e a deixaram abandonada na solidão do deserto. A horripilante Duula é comparada a um lobo por duas crianças que estavam perdidas na África.

– Po... po... por... que a senhora tem os olhos vermelhos desse jeito, tia? –
gaguejou Mayran.– E esses dentes que parecem de lobo? – perguntou
Askar.(BARBOSA,2000.p12)

Os contos africanos de Rogério Andrade Barbosa nos apresentam a importância de um resgate étnico e identitário, em especial aqueles que em suas narrativas se dedicam a contar a herança cultural africana deixadas pelas mulheres o papel delas na sociedade suas responsabilidades e seus direitos no conjunto da sociedades africanas. Em cada conto africanos analisamos as diversas nuances que a mulher exercia na sociedade apresentando não apenas a condição da dela, mas também fazendo um panorama dos elementos sociais que a cercava e que diretamente ou indiretamente interferiam em seu posicionamento na sociedade observamos o caso de ‘Duula, a mulher canibal’ neste conto percebemos como uma simples jovem se transformou em um ser ‘animalesco’ pelas condições adversas que ela atravessou ao longo da vida, então entendemos o quanto nossa análise pode ser rica, pois analisamos a condição da mulher e a sociedade que ela faz parte na qual uma completa a outra.

Considerações finais

Na contemporaneidade a uma busca em interferir nas representações convencionais da sociedade e das relações entre os sujeitos, interferência esta já anunciada e feita por Lima Barreto, em sua obra literária mesmo os contos estarem situados no início do século XX apresenta esta interferência, no sentido de reverter valores tão enraizados no imaginário social, e utilizado como táticas a valorização da herança cultural africana, e denunciando a exploração sexual e financeira pela qual a mulher negra e mulata sofria nas mãos dos homens que agiam como seus senhores. As narrativas de Lima Barreto propõem reverter uma representação de um sistema já tão enraizado buscando outra vertente para os estereótipos que a maioria dos escritores traçaram para os afro-brasileiro muitas vezes negativos para sua cultura, sua etnia e sua história. Lima Barreto apresenta estes códigos e os transformam, inovam e rompe a estrutura desta literatura com uma representação conservadora baseada em modelos europeus. Já Rogério Andrade Barbosa valoriza a cultura africana trazendo a tona traços culturais que traduzidos em seus contos, narrativas de suas experiências nos diversos povos da Guiné Bissau entre a literatura oral africana ele buscou elementos para através dos seus contos descrever as histórias que a ele foram contadas. Entretanto apesar da distância temporal entre os dois autores Lima Barreto e Rogério Andrade Barbosa ambos valorizam em suas obras a literatura afro-brasileira e fazem um resgate de seus traços culturais que não foram esquecidos ao longo das gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. *O mundo como representação*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 5, 1991.

CASCUDO, Luis Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: UFF., 1984, p.236.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Contos o redor da fogueira*. Editora.. Paulina. São Paulo. 2000

_____. *Duula a mulher canibal*. Editora. DCL. São Paulo. 2000

BARRETO, Lima. “*O Destino da Literatura*”, Impressões de Leitura, SP: Editora Brasiliense, 1956, p.66

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Diário Oficial da União, 5 de outubro de 1988.

BRESCIANI, Maria Stella. *O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos*. Germaine de Staël e as ficções literárias. In: SEIXAS, Jacy; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (Orgs.). *Razão e paixão na política*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 42.

De DECCA, Edgard. *Literatura, modernidade e história: o olhar do estrangeiro sobre o mundo colonial*. In: LUNHARDT, Jaques; PESAVENTO, Sandra Jataí (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1988. p. 70.

ENI PULCENELLI ORLANDI, “*Incompletude do Sujeito*” in *Sujeito e Texto*, São Paulo/PUC/1988, p.11

GUYAU, Jean-Marie. *A arte do ponto de vista sociológico*. São Paulo: Martins, apud MELGAR et al., 1991, p. 110).

HALL, Stuart *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG / Brasília: UNESCO, 2003.

LE GOFF. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004, p 392

LUIZA LOBO, “*Literatura Negra Brasileira Contemporânea*“ *Estudos Afro-Asiáticos* n° 14, 1987, p.116

MEYER, Dagmar E. *Etnia, raça e nação: O currículo e a construção de fronteiras e posições sociais*. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 69-83

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*, Petrópolis, Vozes, 1980, p. 255

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói, EDUFF, 1995, p. 15.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP:

SANTOS, Deoscoredes M. dos. *Contos negros da Bahia e Contos nagô*. Salvador: Corrupio, 2003, p. 125.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 2004, p. 513-619.

SILVA, Jomar Ricardo da. *A educação da mulher em Lima Barreto*. EDUEPB. 2010

SODRÉ, Muniz. *Claro e Escuros - identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WITHER, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo. Edusp 1994.